

Discurso proferido pelo deputado  
GERALDO RESENDE (PMDB/MS),  
em sessão no dia 01/09/2011.

## **SUICÍDIOS ENTRE JOVENS INDÍGENAS: SINTOMA DO DESCASO**

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados,

Dados divulgados no começo deste ano mostram que Dourados, em Mato Grosso do Sul, é a segunda cidade do País em número de suicídios, entre jovens de 15 a 24 anos. Este município, segundo o mapa da violência divulgado pelo Ministério da Justiça, fica atrás apenas de Tabatinga, no Amazonas.

A maioria dos jovens que desistem da vida, no município da região sul do Estado, é indígena e o faz por diversos motivos. Outros dois municípios que também chamam a atenção pela ocorrência dessas mortes, em Mato Grosso do Sul, são: Paranaíba e Amambaí. Sabemos que nosso País não tem esta cultura suicida, como ocorre com a Lituânia e a Rússia, nações que

encabeçam a lista internacional de suicídios. Mas os casos brasileiros, nada mais são que o reflexo do descaso com as populações indígenas.

Os países que lideram esta triste estatística apresentam números acima de 30 suicídios por cada 100 mil casos de morte. Os municípios citados também têm números como esses. As porcentagens não mentem: 66,7% dos suicídios praticados em Dourados é entre indígenas, já em Amambaí, de cada 100 pessoas que se suicidam, 60 fazem parte das comunidades tradicionais.

Mais um exemplo do descaso com a questão indígena ocorreu na última quinta-feira, dia 23, quando o corpo de um índio de apenas 14 anos, ficou pendurado durante 19 horas depois de cometer suicídio. Dessa vez, o atentado contra a própria vida ocorreu em Ponta Porã, mas evidencia a negligência de autoridades e da própria sociedade.

O adolescente se matou no interior de uma choupana e seu corpo foi desrespeitado, desta forma, por causa de uma celeuma burocrática entre a Polícia e a Fundação Nacional do Índio. Agora me pergunto: um jovem não índio seria tratado da mesma forma? Que Deus nos livre desta tristeza, mas se filhos e filhas, de autoridades políticas, atentassem contra as suas próprias vidas, ficariam penduradas por quase 20 horas?

Segundo Jaqueline Gonçalves, uma jovem índia Kaiowá de 20 anos, integrante da 'Ação Jovens Indígenas', "o que está faltando a esses adolescentes são projetos que os ocupem, o que resta são as drogas e o álcool, outros problemas são: a falta de estrutura familiar e o preconceito".

Sempre me preocupei com a situação dos indígenas. No ano de 2005, a mídia nacional e internacional, divulgou os alarmantes índices de mortalidade infantil nas aldeias indígenas de Mato Grosso do Sul, por desnutrição. Na oportunidade, presidi uma Comissão Especial, formada nesta Casa, para investigar, *in loco*, as causas destes tristes números.

Com muito trabalho conseguimos superar esta tragédia, porém, na atualidade, outros males invadem nossas aldeias, trazendo criminalidade e mortes para o interior das comunidades tradicionais. Hoje, como relatou a jovem índia, os adolescentes estão se entregando ao vício de drogas lícitas e ilícitas, como também, se prostituindo e se violentando.

São situações que nos preocupam e que nos levam a propor ações e projetos que, ao menos, amenizem o sofrimento de nossos irmãos indígenas. Preocupação, no entanto, que nem sempre sensibiliza outras autoridades. Em 2006, por exemplo, indiquei uma

emenda individual no valor de R\$ 400 mil e sensibilizei o então deputado, Fernando Gabeira (PV-RJ), para que também indicasse uma de suas emendas individuais, no valor de R\$ 300 mil, para a edificação de uma das etapas da primeira Vila Olímpica Indígena do país. Em 2008, em diálogo com o Ministério do Esporte, conseguimos mais R\$ 700 mil para a concretização desta importante obra.

Assim, a primeira Vila Olímpica Indígena do País foi inaugurada em Dourados, no dia 09 de maio deste ano. Esta data, além da belíssima festa promovida pelas aldeias Jaguapiru e Bororó, marcou também o início de uma grande frustração: as respostas negativas do Governo do Estado e da Administração Municipal para gestão do complexo poliesportivo.

Já relatei nesta tribuna, em pronunciamento proferido na semana passada, o quanto já trabalhei para abrir os portões da Vila Olímpica Indígena e fazê-la servir a quem a estrutura é de direito. Já apresentei, a diversas Pastas do Poder Executivo Federal, um projeto de gestão fomentado pela Universidade Federal da Grande Dourados. Mas estou convencido que, como pactuado em 2006, a administração daquele espaço é de responsabilidade da Prefeitura de Dourados.

A negativa em assumir esta responsabilidade, a recusa em gerir a Vila Olímpica

Indígena, significam virar as costas, mais uma vez, para aquela comunidade. Não basta visitar as aldeias indígenas apenas em época de eleição, é preciso lutar para mudar aquela realidade, assumir compromissos e cumpri-los. Enquanto essa conjunção de esforços não ocorrer, as tentativas de se buscar propostas que ofereçam opções à violência e à conseqüente falta de perspectiva de melhores condições de vida, serão frustradas e fatos tristes como o relatado há pouco, continuarão acontecer. Lutemos para começarmos a virar esta pagina da história de nosso país.

Muito obrigado pela atenção.

Deputado GERALDO RESENDE

(PMDB/MS)